

Horas vagas

Márcio El-Jaick

edições



HORAS VAGAS

Copyright © 2020 by Márcio El-Jaick
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Projeto gráfico: **Origem Design**
Diagramação: **Santana**

Edições GLS

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.edgls.com.br>
e-mail: gls@edgls.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

| **SUMÁRIO**

I | **TEATRO** 9

II | **CINEMA** 61

III | **TRILHA** 141

I | **TEATRO**

PRIMEIRO ATO

ERAM TUDO TREVAS e solidão e louça pra lavar, lágrimas contidas, lágrimas derramadas, ressacas com Cefaliv e dieta controlada, era sempre a dança melancólica do tédio, lâmpadas de 60 W, fm light e limite nas expectativas, limite de crédito, limite de velocidade, sexo insatisfatório, celular sem bateria, creme pra celulite, um martíni, um martírio, furo na meia-calça, remorsos processados, olhos fixos no despenhadeiro, saltos altos desconfortáveis, salada verde e pouco molho, pouco tempo, tempo de sobra, era sempre isso tudo, nada, não era nada disso, riu ela de frente para o espelho do elevador, depois de fitá-lo com sua melhor expressão trágica.

Nem que eu quisesse, pensou buscando no rosto algum sinal de tristeza ou mesmo da idade quando só havia os sintomas do pileque, as pálpebras talvez um pouco baixas, o cabelo ligeiramente bagunçado que ela jogou para trás num gesto havia muitos anos repetido, o gesto que depois de tanto ensaio vira hábito, a sedução estudada que se enraíza. Analisou a imagem atentamente, sem o orgulho que sempre desprezou, mas, apesar de si mesma, gostando. Esse vermelho me cai bem, pensou como se chegasse ao resultado de uma conta improvável. Encostou-se na lateral do elevador antigo, uma eternidade até o décimo oitavo, correu o indicador pelo colar de pérolas, inclinando de leve a cabeça como se quem trançasse o dedo em seu colo não fosse ela própria, arriscou mais uma vez aquela expressão trágica, sem

efeito, consumida pelo que funcionava: a cor das unhas, a bolsa da qual só faltava pagar a última parcela, o cabelo vermelho cuja raiz, ela agora notava, já mostrava o castanho. Preciso retocar, decidiu quando a porta se abria.

Avançou segura pelo corredor, equilibrando-se sem esforço nos escarpins domesticados, às vezes apoiando-se na parede à guisa de charme ou quem sabe ainda na busca inútil de tragicidade, de primeira enfiou a chave no buraco da fechadura e abriu a porta do apartamento com algum cuidado, a hora avançada, fim de domingo, na verdade nem isso, o domingo já morto, mas havia luz na sala, o brilho da televisão.

— Sérgio — chamou num murmúrio, sem querer acordá-lo caso ele estivesse dormindo.

— Oi, minha florzinha de lótus — respondeu ele, quase a assustando, sentado no chão, junto à parede, de frente para a televisão, mas longe dela.

O som que tomava conta da sala, Joyce agora percebia, não vinha da televisão, mas da caixa do iPod, algum tipo de hip-hop. Ela fez uma careta.

— O que houve com Chet Baker?

— Aposentado.

Sérgio ergueu a garrafa de vinho que se achava a seu lado, junto à taça.

— Vai?

— Obrigada, amor — respondeu ela, largando-se no sofá. — Já bebi mais do que merecia.

Joyce voltou os olhos para a televisão sem som, um programa de competição de culinária.

— É o que sobrou pra hoje? — Encarou Sérgio, que mantinha os olhos fixos na tela. — Ou você está precisando abrir o apetite?

— O controle ficou longe — justificou-se ele, apontando vagamente para o controle remoto, sobre a mesinha de centro.

O limite da indolência.

Ela continuava o encarando.

— Você não saiu?

— Não. — Sérgio tomou um gole do vinho e despregou os olhos da tela, pela primeira vez parecendo notar a presença de Joyce. — E você, como foi a noite?

Ela pegou a carteira de cigarros e procurou ali o pequeno baseado que fumara pela metade mais cedo. Acendeu-o olhando para ele.

— Conheci o homem da minha vida.

— De novo?

Ela abriu um sorriso, soltou a fumaça e ergueu o indicador.

— Essa música realmente não é ruim. — Estendeu o baseado para Sérgio e tirou primeiro o colar de pérolas, que deixou sobre a mesinha, depois a calça *jeans* apertada, que deixou no braço do sofá. — Ele é lindo e fala alemão.

Sérgio aspirou a fumaça e voltou os olhos para a tv, os competidores se debruçando sobre suas invenções, em busca de aprovação e um prêmio em dinheiro. Soltou a fumaça.

— O sexo foi incrível?

Joyce pôs a mão sobre o peito, um gesto simulado de afronta. Sorriu ao se recostar novamente no sofá.

— O sexo foi incrível. E antes teve um flerte delícia, uma conversa delícia. Ele fala alemão! Quase desenferrujei o meu.

Sérgio tragou novamente e logo aproveitava os primeiros minutos do efeito da maconha, os melhores, quando o corpo fica leve e a mente ainda não domina, quando tudo se resume a um movimento leve em direção à superfície. Fechou os olhos, deixando que a música fosse o único laço com o mundo exterior. *Seems*

like street lights glowin, happen to be just like moments passin. Era bom deixar de ter um corpo, deixar de ter consciência, ser apenas algo que flutua, sem peso. Os primeiros cinco minutos.

Quando abriu os olhos, Joyce o fitava.

Ela havia tirado também a blusa e parecia ter saído de uma publicidade de lingerie para mulheres que não desejam apenas ser objeto de desejo, uma publicidade de lingerie que não existe. Pernas abertas, olhar carregado de afeto, meio mãe, meio moleque. Aceitou o baseado que ele devolvia. Sorriu.

Ele sorriu para acompanhá-la. Ainda sem peso, só algo que oscila no ritmo da música. *I'm just not there in the streets, I'm just not there.* Os primeiros minutos, depois dos quais era uma incógnita.

— Você fica bem de sutiã vermelho.

— É porque você ainda não me viu sem.

Ela riu.

Ele riu para acompanhá-la.

— Não é verdade.

— Não, não é verdade. Pouquíssima coisa é verdade. — Ela deixou o baseado na borda do cinzeiro verde. — Graças a Deus.

Ele passou a mão na cabeça, ficou alisando o cabelo curto em círculos irregulares.

— Mas é verdade que você fica bem sem sutiã vermelho. — Ele piscou para ela. — O moço elogiou?

— Só viu com as mãos. Umhas mãos lindas. Transamos no escuro, nem sei por quê.

Os dois se voltaram para a tela da televisão, onde um dos concorrentes estava prestes a se tornar o vencedor do desafio daquele dia e outro estava prestes a ser eliminado. Um pouco de comemoração, um pouco de choro, depois publicidade, depois